



## SEÇÃO: ENSAIOS

# A ciência da poesia da ciência em Augusto dos Anjos

*The science of science's poetry in Augusto dos Anjos*

**Henrique F. Cairus<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1687-7205](https://orcid.org/0000-0003-1687-7205)

[hcairus@ufrj.br](mailto:hcairus@ufrj.br)

**Sabrina Alves dos**

**Santos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2639-5296](https://orcid.org/0000-0002-2639-5296)

[alvessabrina24@yahoo.com.br](mailto:alvessabrina24@yahoo.com.br)

**Recebido em:** 18 mar. 2020.

**Aprovado em:** 16 jul. 2020.

**Publicado em:** 18 agos. 2021.

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre o diálogo entre as ideias e a estética de Augusto dos Anjos. O que se pretende postular é que o poeta paraibano coloca sua vigorosa estética à serviço das ideias que eram expurgadas da cena literária e acadêmica sob o rótulo de vitalismo, a favor da hegemonia do mecanicismo. As imagens estéticas, o uso de uma linguagem científica quase completamente denotativa e a morbidez, como paroxismo desse projeto estético, não constituem propriamente uma iniciativa isolada do poeta, mas nem mesmo seus coetâneos compreenderam a grandeza de seu projeto e como foi necessário, para realizá-lo, que ele elevasse sua poética a um inusitado patamar estético. Augusto dos Anjos, mesmo à margem do epicentro elitista da rua do Ouvidor (onde seu sotaque e sua cor não teriam lugar), logrou construir uma verdadeira poética da denotação que se fez constituir um dos baluartes mais radicais de uma literatura que ali, por suas mãos, adentrava a modernidade.

**Palavras-chave:** Augusto dos Anjos. Vitalismo e mecanicismo. Denotação. Poesia científica.

**Abstract:** This article presents a study on the dialogue between the ideas and the aesthetics of Augusto dos Anjos. What is meant to be postulated is that the Paraíba's poet puts his vigorous aesthetic to the service of ideas that were expurgated from the literary and academic scene under the label of vitalism, in favor of the hegemony of mechanism. Aesthetic images, the use of a nearly completely denotative scientific language, and morbidity, as paroxysms of this aesthetic project are not really an isolated initiative of the poet, but not even his contemporaries understood the greatness of his project and how it was necessary, to accomplish it, that he raises his poetics to an unusual aesthetic level. Augusto dos Anjos, even on the fringes of the elitist epicenter of Ouvidor Street (where his accent and his color would have no place), succeeded in constructing a true poetics of denotation that became one of the most radical bulwarks of a literature that, by yours hands, entered modernity.

**Keywords:** Augusto dos Anjos. Vitalism and mechanism. Denotation. Scientific poetry.

## 1 Introdução

### 1.1 Do propósito

Neste artigo pretendemos dissertar sobre um aspecto da poética diversificada de Augusto dos Anjos. Motiva esta pesquisa a observação de que sua obra ensejou interpretações controversas entre os estudiosos, sobretudo quanto à uma categorização de ordem taxonômica, que a dispusesse sob o rótulo de um estilo. De fato, o *Eu* (1912), essa obra única de Augusto dos Anjos, é rica em elementos característicos de várias escolas e de diferentes estilos literários, e tais elementos são, não raro, antagônicos. Transitam pela poética de Augusto dos Anjos o Simbolismo, o



<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Parnasianismo, o Romantismo, o Expressionismo, o Decadentismo e *avant-la-lettre*, o Modernismo e até o Surrealismo. Assim, pois é essa obra: singular, como sua "singularíssima pessoa".<sup>2</sup> Sua obra é singular, porque única; plural, porque livre dos rótulos; palatável, porque dialogava intensamente com sua época; indigesta, pelas imagens que evocava: poética de Augusto dos Anjos, enfim, sempre será um desafio. E quando já se espera nela a crueza da linguagem inapetente da ciência, finca-nos a pena, qual dardo, com um lirismo certo e oportuno, que nos devolve visceralmente a condição humana. Nessa poética única, não há qualquer dúvida de que a lira nos redime da dura imanência de filhos "do carbono e do amoníaco".<sup>3</sup> Ainda que seu tempo não lhe desse lugar algum ao panteão literário, não deixou Augusto dos Anjos de ser profundamente secular. Nem adiante nem aquém de seu tempo, fazia povoar sua poesia o *hic et nunc* que se reconhece nos espíritos agudos, capazes de assenhorarem-se de suas próprias presenças no tempo e no espaço.

Na efervescência do ambiente finissecular, naquela atmosfera que ansiava pelo progresso oriundo de uma ciência filha da razão, pululam ideias carregadas desse espírito. As letras de Darwin, Comte, Schopenhauer, Humboldt, Kardec, Pasteur, Haeckel, Spencer e vários outros aportavam copiosamente no Brasil e, se povoavam as prateleiras da rua do Ouvidor e pretextavam as palestras dos elegantes cafés, não estavam ausentes da renomada academia pernambucana. Ali, na Faculdade de Direito de Recife, a mais antiga escola de leis do Brasil, formava-se esse poeta paraibano.

Tendo vindo ao Rio de Janeiro, não logrou sucesso no pernóstico ambiente literário da *belle époque* carioca. Não deixou, contudo, de conquistar modestos postos de mestre-escola, profissão a que se dedicou e que o levou a Minas Gerais, onde faleceu precocemente, aos trinta anos, em 1914.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos foi um jovem atento ao seu tempo. Se foi um visio-

nário, como quis Ferreira Gullar, não cabe a este artigo discutir, mas é incontornável que o ponto de partida desta pesquisa é, até onde é possível, dissoante dessa perspectiva. Não sendo a produção de Augusto dos Anjos determinada pelo seu contexto, é esse mesmo contexto que se imiscui com a criatividade do poeta para gerar sua vigorosa escritura, para usar um conceito barthesiano.

A poética de Augusto dos Anjos abriga o que é ainda sem lugar na poesia oficial dos cafés e da imprensa, na poesia do *establishment*; o que é mesmo sem lugar na prosa naturalista de Aluísio de Azevedo. A ciência, destinada – como até hoje – a um meio avesso e adverso à arte, figura sem distorções nos poemas de Augusto dos Anjos. Ali, no espaço dos versos sacralizado pelo Parnasianismo, nosso jovem poeta depositou as ideias e os ideais da tríade que movia todo o pensamento de sua época no Brasil: a evolução, a ciência (de modo muito especial, a Biologia<sup>4</sup>) e o progresso. Ideias e ideais que se constituíram em verdadeiras rochas axiológicas, axiomas e cânones, nos quais se ancoraram toda uma civilização ocidental que até hoje se vê nelas tristemente atados. Augusto dos Anjos não nega nem questiona esses axiomas, mas lhes dá sentido. Sua poesia, não é, em nenhum aspecto, niilista. Ao contrário, ela preenche, pela estética, o vazio o vácuo metafísico da ciência com uma humanificação. Nesse sentido a poesia de Augusto dos Anjos se inscreve de forma vibrante na diatribe entre os mecanicistas e os vitalistas, introduzindo de forma única no mundo a poesia como meio para essa acalorada discussão.

Augusto dos Anjos parte do mecanicismo, mais presente e sedutor – porquanto mais avesso à metafísica – nos meios intelectuais positivistas, apesar da "igreja" de Comte sustentada pelos fundadores da República, e substitui a retórica dos beligerantes defensores do vitalismo pela estética visceral de sua poesia. E que argumento poderia ser mais eloquente do que o poético?

O evolucionismo, o cientificismo e o positivismo,

<sup>2</sup> Do soneto "Budismo moderno".

<sup>3</sup> Do soneto "Psicologia de um vencido".

<sup>4</sup> À época do autor estudado, a biologia tomou, no Ocidente, o posto da soberania das ciências. Não só a produção de Darwin ou de Freud o atestam, mas também a sociologia econômica de Marx e mesmo o Positivismo de Comte.

a tríade que Augusto dos Anjos faz revestir da microbiologia de Bernard e Haeckel e da cosmogonia de Darwin e de Spencer, faz-se compatível com a espiritualidade kardecista (que sabidamente nosso poeta praticava) e com a metafísica da morte de Schopenhauer. Sua poesia, contudo, não é a única produção que concilia esses pensamentos, em si complementares, mas, ao menos no Brasil, é a única que o faz pelo caminho em tudo poético. Não se faz necessário nem aqui nem alhures argumentar a favor da literariedade ou da poeticidade da parca obra de Augusto dos Anjos. Se ali não há poesia, poesia não há.

A proposta deste artigo é apresentar alguns resultados da investigação de uma linguagem poética vazada em denotações, como uma tentativa bem-sucedida (exceto, evidentemente, para sua própria época) de uma poética da ciência que, muitas vezes, se opunha à ciência da poética dos parnasianos. O que se procura aqui demonstrar é que Augusto dos Anjos, em suas incompletas três décadas de vida, produziu uma obra que o inscreve no cenário de uma discussão de âmbito global, a querela entre os mecanicistas e os vitalistas, trazendo com total exclusividade a poesia como veículo dessa discussão. Enfim, de forma ainda incipiente, é o objetivo deste artigo oferecer mostras dos primeiros resultados de uma investigação que busca na poética de Augusto dos Anjos não uma linguagem que dialogue com a ciência, mas que, a partir da ciência e da linguagem denotativa, insira o vigor da poesia nas discussões das ideias. Augusto dos Anjos tem um ideal que, qual a binaridade do signo saussuriano, tem duas faces, as ideias e o projeto estético, o léxico, sem dúvida, une indissolúvelmente essas duas efigies.

## 1.2 Do tema

Márcia Sabino (2006), em sua dissertação de mestrado intitulada *Augusto dos Anjos e a poesia científica*, seguindo a esteira de Delmo Montenegro (2004), define isso a que chama de "poesia científica" como um movimento de vanguarda que oferece novos horizontes a uma poesia romântica

então decadente, ultrapassada e incompatível com a realidade da época, no final do século XIX. Delmo Montenegro não deixa Augusto dos Anjos solitário nessa "vanguarda" da poesia científica. Ele o faz ladear por Joaquim Cardozo e, sobretudo, por Martins Júnior, que teve fortuna inversa a de Augusto dos Anjos: célebre em vida, hoje o cânone o desconsidera.

A poesia científica, se adotarmos essa nomenclatura que, conquanto desajustada, é autorizada pelo próprio Martins Júnior (autor de um opúsculo, de 1883, intitulado *A poesia científica*), encontra em Augusto dos Anjos um propósito que lhe era, então, inédito. De fato, nosso poeta conferiu à poesia – que seja "científica" – um lugar que ultrapassa o uso estilístico da linguagem científica na poesia como uma fonte que harmonizasse o lírico ao estritamente acadêmico por um viés simbolista. E, se não é outra coisa que fazia Martins Júnior (que tivera a mesma formação de Augusto dos Anjos, no mesmo Curso de Direito de Recife, ainda que pouco antes), não é o mesmo que faz Augusto dos Anjos. Sua poesia, sem o exibicionismo das referências apressadas, traduzia em versos os debates mais elevados de seu tempo.

Nessa poesia enamorada da ciência, não é difícil, como se verá adiante, notar seu fascínio pela corrupção da matéria orgânica em contraste com seu aspecto outrora vicejante. Encanto esse, decorrente do avanço científico e tecnológico, das novas teorias sociais e de diversos outros fatores correspondentes ao final do século XIX, como aponta Anaídes Maria da Silva em sua dissertação de mestrado em História da Ciência:

Chega-se a essa conclusão porque o mesmo viveu a experiência das substâncias químicas, das macromoléculas, da excitação dos elétrons, das proteínas, os hormônios, as enzimas, dos vermes, da força centrípeta, dos corpos em decomposição, dos cérebros radiantes (SILVA, 2010, p. 42).

Segundo Martins Júnior, em sua obra *A poesia científica*,<sup>5</sup> essa poesia científica corresponde ao estado definitivo de positividade da mente de um indivíduo (1914, p. 26), apontando assim, a crença

<sup>5</sup> Publicada originalmente no ano de 1883.

na existência de poesia na ciência devido ao fato de ambos pretenderem conhecer o homem e o mundo. Martins Júnior, sem dúvida incorrendo no anacronismo peculiar à sua época, sugere que esse estilo poético tem sua origem no poeta latino Lucrécio, e menciona Silvio Romero, Teixeira Souza, Tobias Barreto e Generino dos Santos (tio de Augusto dos Anjos) como alguns dos representantes da poesia científica.

Augusto dos Anjos, com certa, porém frágil, razão, é considerado poeta do cientificismo, do positivismo e do evolucionismo; apresenta, portanto, uma poética científica que fez parte do movimento de renovação literária no Brasil após o declínio do Romantismo, e angariou oposições de intelectuais oitocentistas, alguns dos quais não concordavam com a possível relação entre poesia e ciência, e opunham-se à sua obra repleta de vocabulário científico carregado de dramaticidade, algumas metáforas exóticas e inusitadas denotações, que provocavam um estranhamento no leitor, cujos ouvidos estavam conformados à sofisticada norma parnasiana.<sup>6</sup> Verucci Domingos de Almeida (2013), em artigo decorrente de sua pesquisa de mestrado, aborda um lirismo mais tradicional e palatável em poemas que não estão presentes em seu único livro intitulado *Eu*; poemas esses que manifestam o amor, a esperança e Deus de forma otimista e que foram excluídos do *Eu* pelo próprio autor, provavelmente por não apresentar o mesmo estilo dissonante contido nos que estão presentes naquela obra. Segundo Raimundo Magalhães Júnior<sup>7</sup> (apud ALMEIDA, 2013, p. 114), cabe lembrar e emergir esses poemas suprimidos para que possamos analisar sua trajetória poética, e através de comparações, constatar que essa não é revestida por um suposto gosto grotesco do poeta. A própria estudiosa Verucci de Almeida se dedica ao debate acerca do otimismo ou do pessimismo na poesia de Augusto dos Anjos, trazendo à cena da discussão os poemas que não foram recolhidos pelo

autor em seu único livro. No entanto, interessa aqui o âmbito científico de sua poética diversificada, que, conquanto prenhe de inquestionável poeticidade, não deixa de ser retórica: mas algo a que não se pode aplicar impunemente ideias aristotélicas, a não ser que se pense em uma *epideixis* poética ou em uma poesia epidítica, um contrassenso para a Filosofia do Estagirita;<sup>8</sup> porém, uma realidade do texto de Augusto dos Anjos. O livro *Eu*, portanto, é interessante à proposta deste estudo por duas razões: trata-se de um florilégio realizado pelo próprio autor, uma antologia duplamente autoral, e é nessa obra que se encontra o fenômeno que celebrou Augusto dos Anjos, amalgamando importantes traços do Simbolismo, uma extrema acurácia estética (da prosopopeia ao léxico; do léxico à sintaxe) e o uso quase inusitado de uma terminologia que, conquanto do gosto da intelectualidade de sua época, se mostrava sem resistência às demandas existenciais mais profundas.

Na "poesia científica" de Augusto dos Anjos, lá estão os "microorganismos *fúnebres*", que pululam em um estilo singular augustiano de ciência poetizada através de denotações, lá está um esmerado goticismo e outros recursos.

Como amostragem da pesquisa, aqui são apresentados os sonetos dedicados ao pai, ao filho nascido morto e o intitulado "O Deus Verme".

## 2 Antecedentes da poética de Augusto dos Anjos

O poeta latino Lucrécio, para seguir a referida sugestão de Martins Júnior, talvez possa ser reconhecido como o precursor ou o modelo da poesia científica, graças ao seu monumental *De rerum natura*. De fato, os positivistas do século XIX encontraram na poesia desse vate-filósofo do Século I a.C. respaldo legitimador, e, no ambiente finissecular parnasiano e cientificista, excertos do vasto poema circulavam aqui e ali em epígrafes que adornavam ou chancelavam desde poesias de amor

<sup>6</sup> Valdemar Valente Ferreira Júnior, em ensaio ainda inédito, demonstra sobejamente como e quando Augusto dos Anjos propõe desobediência ao totem métrico parnasiano.

<sup>7</sup> MAGALHÃES JR., Raimundo. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

<sup>8</sup> Aristóteles, em *Poética*, 1451a36-b7, anuncia sua famosa diferenciação entre poesia e história (um gênero epidítico). Tal passagem talvez tenha ganhado maior notoriedade por apresentar sua tese do εἰκός, que os latinos traduziram por *verosimile*.

a livros de medicina ou de filosofia, dado seu caráter estritamente epicurista e seu tom enciclopedista. Interessa-nos aqui não Lucrécio propriamente dito, mas sua circulação e sua recepção no Brasil da virada do século XIX para o XX. E, no exame dessa recepção, desponta um importante personagem: Antônio José de Lima Leitão, o homeopata, político e homem de Letras, que talvez seja mais conhecido hoje por sua criativa e homerizante tradução do *Paradise Lost*, de John Milton.

Em 1851, Antônio José de Lima Leitão apresentou ao mundo lusófono a primeira tradução (o segundo volume foi à prensa dois anos depois, em 1853) do colossal e difícil poema de Lucrécio. O sucesso desse texto foi algo poucas vezes visto no comércio livresco em geral e no dos clássicos, em particular. Imediatamente referências ao *De rerum natura* começaram a pulular nas preleções recreativas e acadêmicas, nos poemas e sobretudo na prosa que circulava nos jornais. Não é, portanto, sem fundamentos que Lucrécio figure como uma importante chave de leitura; emana, de fato, daquela estranha experiência facultada por um texto inventivo de Lima Leitão, um certo diapasão norteador, mas jamais determinante.

Otto Maria Carpeaux,<sup>9</sup> em sua *História da literatura ocidental*, chega a considerar que Lucrécio não tem religião (com o que nenhum classicista de hoje concordaria), e que promove uma contemplação da natureza, adotando assim a poesia como sua prática de fé, com preces direcionadas às forças universais, descrições inspiradoras sobre o sofrimento humano e animal, e as angústias desesperadoras do sexo inextinguível. Carpeaux, ao pensar assim Lucrécio, seguramente estava movido pelo mesmo impulso cientificista que movera, noutro campo, Augusto dos Anjos. Com efeito, o texto de Lucrécio não autoriza o ateísmo ou o animismo que Carpeaux lhe projeta, mas tal leitura é vivo testemunho do lugar que ele reivindica para esse poeta latino em harmonia

com uma tradição da própria história da literatura, especialmente da literatura brasileira. Nessa perspectiva, Carpeaux lembra ainda que, com versos de uma energia singular, transformando pensamentos secos em imagens significativas, o poema didático<sup>10</sup> *De Rerum Natura*, em que "o poeta mais moderno" da Antiguidade procura ensinar ou convencer sobre fenômenos da natureza e, também, sobre a pluralidade do mundo. O poema de Lucrécio, vazado em hexâmetros datílicos, métrica homérica, mas também hesiódica, executa poeticamente, pelo viés epicurista, um projeto ao mesmo tempo poético, filosófico e, até mesmo, "enciclopédico". Na Europa, mais especificamente na Grã-bretanha do século XVII, poetas líricos – John Donne (1572-1631), por exemplo – abriram caminho para uma poesia a que se deu a alcunha de "metafísica". A obra do poeta jacobino inglês engloba elegias, sonetos, canções, sátiras, sermões e reflete um estilo sensual e realista em sua poesia metafísica, amorosa e religiosa. No poema "*An anatomy of the world*", John Donne expressa sua inquietação diante da nova configuração astrológica dada por Copérnico que rompia com a perspectiva aristotélica. Donne afirma nesse poema que a nova Filosofia coloca tudo em dúvida, e apresenta uma realidade esfacelada e dissonante.

No início do século XIX, a Europa vivia a chamada Revolução Industrial que, da Inglaterra, irradiava ideias e produtos. Em um cenário, apaixonado pela ciência, surge uma corrente filosófica positivista proposta por Auguste Comte (1798-1857), que aponta para uma reforma intelectual dos humanos, ou seja, uma nova forma de pensar harmonicamente com o progresso científico. O positivismo marcou a intelectualidade francesa, influenciando pensadores e poetas antes de entrar em decadência no decorrer do século XX. Mas essa nova corrente de pensamento, que nasceu filosofia e, em parte, passou a pretender-

<sup>9</sup> Carpeaux (2008, p.101) atribui a Lucrécio, segundo os parâmetros positivistas e cientificistas, um lugar privilegiado na história da literatura.

<sup>10</sup> "Poesia didática" é a nomenclatura taxonômica usada pela história da literatura até o último quartel do século XX. Eram consideradas dessa categoria todas as poesias sapienciais que seguissem, por emulação ou não, os passos dos poemas hesiódicos. Tal categoria incluía também os poemas enciclopédicos etiológicos, como as *Khiliádas*, de Ioánnes Tzétzes. O título *De rerum natura* era uma tradução corrente para o *Περὶ φύσιος* (forma jônica de *Περὶ φύσεως*, "Sobre a natureza"), título comum das obras dos fisiólogos pré-socráticos emulados por Lucrécio.

-se religião, era uma das várias facetas de uma forma hegemônica de ver o tempo, o espaço, a natureza e a humanidade. Essa nova forma de pensar estava presente em quase todas as correntes de pensamento surgidas na segunda metade do século XIX, desde o marxismo até o darwinismo ou a psicologia de Freud, desde o positivismo de Comte ao espiritismo de Kardec, da Arqueologia à Filologia, da historiografia de Coulanges à lexicografia de Littré. Quase tudo, senão tudo, passava pelo crivo do evolucionismo progressista de teor cientificista. A ciência é um grau do conhecimento ao qual aspira qualquer área de conhecimento que pretende prestígio e lugar institucional, e talvez não tenhamos nos libertado dessa arcaica amarra.

No Brasil, esse movimento das ideias, a crença no progresso com as teorias positivistas, e a valorização da ciência surgiu no último quartel do século XIX, permanecendo até meados do século XX, e talvez até hoje, em alguns lugares (alguns deles na academia).

Na mesma época, nasceu a Escola de Recife, um dos núcleos mais importantes de projeção desse ideal cientificista. Foi precisamente ali onde Augusto dos Anjos estudou Direito nos anos de 1903 a 1907 e onde teve convívio com a escrita científica. São notórias as influências de ideias como o positivismo de Auguste Comte (1798-1857), o evolucionismo biológico de Charles Robert Darwin (1809-1882), a ontogênese de Ernest Haeckel (1834-1919), a sociologia de Herbert Spencer (1820-1903), entre outros.

Nosso poeta, de resto, demonstrava grande domínio de vocabulário científico próprio de áreas distintas: Matemática, Física, Química, Biologia, Geologia etc. Mas era evidente que era à Biologia que o mundo pensante de sua época voltava os olhos e voltava atenção. A Biologia era a régua e o compasso para todo o cientificismo, e o que dela não emanava, a ela vinha conferir vênias.

Ainda que outros autores célebres da Literatura Brasileira também possam ser perfilados entre aqueles que demonstravam apreço pelo pensamento e pela linguagem cientificista, tais como Tobias Barreto (1839-1889), Silvio Romero

(1851-1914) e Graça Aranha (1868-1913), foi Augusto dos Anjos quem promoveu esse matrimônio estranhamente feliz entre a ciência, mormente biológica, e a poesia.

Martins Junior (1883), afirma que o desenvolvimento mental e moral, afetivo e emocional sempre fizeram parte da Humanidade, que passou a usar e expressar essas desenvolturas através da arte desde o início do fetichismo:

Em toda a longa desenvolvimento afetiva ou emocional da Humanidade, a partir do estágio iniciante do fetichismo, a Poesia tem representado um papel eminentemente útil, construtor, filosófico. Foi preciso que a anarquia mental e moral, resultante do esfacelamento do regime católico-feudal que jungia os povos do Ocidente, viesse, até o princípio deste século, anormalizar os espíritos, para que se pudesse negar essa verdade e ver simplesmente nas produções do gênio poético um artifício palavroso, destinado a sensibilizar o ouvido e a sequestrar o homem das lutas intelectuais e práticas do seu tempo (MARTINS JUNIOR, 1883, p. 18).

A poesia, para esse autor coetâneo de nosso poeta, sempre se fez presente no mundo, assim como as sensações e os pensamentos; reproduzindo o *status* mental predominante no tempo, com intuito de amenizar as mazelas vividas pela Humanidade e de “sensibilizar o ouvido” através de rimas, metrificações, metáforas, melodias e outros recursos sonorizadores.

Martins Junior protesta a favor da evolução dos sentimentos junto da evolução da inteligência, afirmando que a poética teológica e metafísica está desgastada, servindo assim para distrair os burgueses; e que o sentimento romântico com suas fraquezas ridículas não é mais necessário (1914, p. 15).

### 3 Augusto dos Anjos e sua poética da decomposição

A tessitura do texto da poesia de Augusto dos Anjos esgarça a linguagem poética e impõe-lhe um novo parâmetro, implicando uma nova concepção do próprio poético, de um poético que não está condicionado a um léxico próprio, e mais do que isso, pode ser urdido com um que lhe é avesso. Da decomposição da matéria orgânica faz a composição da matéria poética.

É verdade que o tema da decomposição do corpo e da matéria não era alheio ao Romantismo de Castro Alves ("O séc'lo – traça que medra/ Nos livros feitos de pedra – / Rói o mármore, cruel"<sup>11</sup>) ou de Gonçalves Dias, tampouco ao Barroco de um Vieira,<sup>12</sup> mas é em Augusto dos Anjos que a matéria se decompõe para compor-se em uma poesia balizada pela ciência, esse espaço até hoje interdito à arte. Augusto dos Anjos não inventou a inserção na poesia de temas que lhe são distantes; essa é uma característica de certo simbolismo, talvez mais de B. Lopes<sup>13</sup> do que de Cruz e Sousa, mas, ainda assim, de certo simbolismo canônico aqui e ali dito pré-modernista. Esse simbolismo com a leve olor modernista do uso estilístico do estranhamento não apresenta, contudo, uma linguagem que leve necessariamente a uma reflexão de ordem metapoética. Esses poemas, enfim, instigavam mais do que provocavam, e a eventual dissonância de sua linguagem seduzia mais que verberava a distinta lira dos salões ainda povoados de monóculos parnasianos.

Se essa era a realidade de uma poesia que merecia o título e o rótulo de simbolista – título esse, aliás, que assumira de bom grado – e que apontava para um caminho modernista, a do texto do jovem Augusto dos Anjos era outra. Conduzido por uma relação figadal com um espectro filosófico que pululava nas academias à sua época, nosso poeta transitava desenvolto da sedução à repulsa, e em ambos encontrava uma poesia inusitada, que tinha por objeto o abjeto do qual extraía inusitadamente uma poesia séria (estilo alto), ao contrário do que se fazia, desde a Antiguidade<sup>14</sup> nesses casos, conforme mostra Aristóteles em sua Poética (1448b24-1449a2), ao falar da comédia e do riso.

Mas não é de forma inadvertida que Augusto dos Anjos compõe seus poemas. Ele prova que tem um verdadeiro projeto, quando em um poema como este, abaixo, parte de um lirismo sentimental para um texto lancinante, de uma percepção ma-

cabra do real esmerilhada e esmerada no rebolo de uma invulgar cultura (revelada sobretudo, e não só, pelo patrimônio lexical). Aqui vai, como ilustração e fonte, essa série de três sonetos dedicados ao pai do qual os vermes subtraem a carne, mas não o amor que se lhe vota:

I

A meu pai doente

Para onde fores, Pai, para onde fores,  
Irei também, trilhando as mesmas ruas...  
Tu, para amenizar as dores tuas,  
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores,  
E eu tão sem crença e as árvores tão nuas  
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas  
Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria,  
Indiferente aos mil tormentos teus  
De assim magoar-te sem pesar havia?!

-- Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim  
É bom, é justo, e sendo justo, Deus,  
Deus não havia de magoar-te assim!

II

A meu pai morto

Madrugada de Treze de Janeiro,  
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.  
Meu Pai nessa hora junto a mim morria  
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!  
Quando acordei, cuidei que ele dormia,  
E disse à minha Mãe que me dizia:  
"Acorda-o"! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!

E sai para ver a Natureza!  
Em tudo o mesmo abismo de beleza,  
Nem uma névoa no estrelado véu...

<sup>11</sup> O fantasma e a canção, vv. 35-7.

<sup>12</sup> Faz-se especial referência ao famoso Sermão do Mandato, parte III: "Tudo cura o tempo.."

<sup>13</sup> "Outro conspurca-te a beleza augusta, /Cujo anseio de posse ainda me custa/Como um verme faminto andar de rastros" (primeiro terceto de "Paraíso perdido". Cf.: HELENOS, 1901).

<sup>14</sup> desde, pelo menos, Hiponax de Éfeso, no século VI a.C.

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,  
Como Elias, num carro azul de glórias,  
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!

III

Podre meu Pai! A morte o olhar lhe vidra.  
Em seus lábios que os meus lábios osculam  
**Microrganismos fúnebres** pululam  
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsidra!

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos  
**Róida toda de bichos, como os queijos**  
Sobre a mesa de orgiacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem  
Entre as **bocas necrófagas** que o mordem  
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

Os três sonetos dedicados ao pai, retratando em ordem cronológica, o momento de sua morte, são repletos de dicotomias (*oximoros lato sensu*), deduções, induções e misticismo panteísta, em linhas de raciocínio distintas e crenças aparentemente antagônicas e não muito claras. Em sua dissertação de mestrado, Renan Mendonça Ferreira (2011) aponta que as ambiguidades que prevalecem no primeiro soneto têm relação com Deus e a possível fé nele, deduzindo, assim, o tema e o prosseguimento da morte, concluindo que Deus, por ser bom e justo, não magoaria o pai.

No segundo, o pai figura como santo e pecador. Nele, o poeta tece uma importante intertextualidade com a Bíblia ao se referir ao profeta Elias que, de acordo com o segundo livro de Reis (capítulo 2, versículos 1 ao 17), foi arrebatado ao céu. A dicotomia ali é relativa aos sentimentos de amor e de ódio pelo pai, a partir do momento em que o poeta iguala o pai ao profeta Elias, comparando a morte biológica de um ao arrebatamento do outro.

E, finalmente, no terceiro, a dicotomia se faz presente quando o poeta associa a dor individual

à dor universal, em outras palavras, o poeta menciona a lei biológica de que tudo vai sempre ter o mesmo fim: a morte.

No primeiro soneto temos o eu lírico em uma situação de desolação por saber que o pai está prestes a morrer. O poema descreve sentimentos referentes à morte, como tristeza e dor, e também amor e fidelidade ao pai moribundo. Há ali uma descrença na recuperação do pai, e um sentimental questionamento sobre a possibilidade de vida após a morte, em uma atitude ambígua que retrata as hesitações inerentes aos grandes sofrimentos. Assim, o filho afirma que vai seguir o pai aonde ele for, e menciona Deus, demonstrando fé em Sua bondade e em que Ele não magoaria ou faria sofrer o pai. Tal postura religiosa, tal como acontece em contextos não literários, convive com a dúvida, e, dessarte, o poema se refere à morte como "mão sombria", não contrapondo, mas fazendo conviver e complementarem-se o niilismo científico e a fé absoluta, unindo o ápeiron ao empírico. Nesse poema: o convívio no campo da dor.

Já no soneto II, dedicado ao pai morto, o eu lírico sai para contemplar a Natureza, deixando o leito do pai que estava no átimo de sua morte, talvez por não estar preparado emocionalmente para presenciar aquela morte. Em seguida ele se vale da fé para consolar-se, rezando antes do falecimento do pai.

Nesse roteiro religioso, vê a alma do pai subindo aos céus em um carro azul, qual, na Bíblia, lê-se, na descrição da morte do profeta Elias como um arrebatamento em carro de fogo com cavalos igualmente igneos. Como em um simile homérico, a evocação da imagem do profeta Elias não gera apenas uma imagem remissiva, mas um *phántasma* eloquente – para usar um termo da retórica clássica – capaz expressar, pela alusão, o que dificilmente poderia ser dito tão completamente de outra maneira: vivo ressuscitava mortos; morto, fora parâmetro de inteligibilidade para o Messias, do qual – segundo a profecia – será arauto,<sup>15</sup> e precursor.

<sup>15</sup> Malaquias, 3,22.



Há, nesse *phántasma* eloquente, um "pareceu-me" que desloca essa visão para o domínio da sensação, um pressentimento místico da morte do pai enquanto contemplava a Natureza. Assim, nesse jogo de idas e vindas entre o imanente e o transcendente – marca indelével da poética de Augusto dos Anjos – a realidade da matéria inicia sua jornada rumo à decomposição orgânica no carro da ciência, enquanto a verdade metafísica rumo ao sublime no corcel da arte.

O segundo soneto, qual o primeiro, eleva a dúvida à posição paradoxalmente paroxística diante da crença. Esse paroxismo paradoxal, contudo, justifica-se pelo vigor dessa figura que tem sua continuidade no segundo soneto. A remissão à figura de Elias traz novamente esse enfrentamento tão importante naquele ambiente cultural finissecular: a fé e a razão, essas – então – aparentes antípodas seriam conciliáveis?

De fato, o profeta Elias foi arrebatado diante do filho, que teve dúvidas sobre a veracidade do que via, e comandou buscas que duraram três dias, e o que lhe pareceu mais eloquente não foi o que viu – a saber, o sobrenatural arrebatamento –, mas o que não viu (mais), ou seja, a ausência daquele pai sempre presente.

Pai, filho, crença, descrença, presença e ausência: é aqui, nesse mito bíblico, que o poeta procura as imagens, o símile e, talvez, a alegoria, para expressar esse turbilhão de sentimentos que povoa o espírito diante da perda da figura paterna. É eloquente que o poeta escreva Pai, Céu, Natureza, com letra maiúscula.<sup>16</sup> Enquanto se pode ver, com má vontade, um macaqueamento do simbolismo europeu de Verlaine ou Baudelaire, é possível também observar nessas maiúsculas uma instrumentalização desse *tópos* simbolista, que produz um animismo poético tão bem casado com a proverbial sinestesia preconizada por aqueles bardos dos cafés, que dá um sabor único ao estilo, e a esse estilo Cruz e Sousa, B. Lopes e o nosso poeta souberam muito bem acrescentar o tempero brasileiro.

Há uma evidente ascensão emotiva entre os três sonetos. Do primeiro ao terceiro, o extremo do sentimento da perda conduz a *persona loquens* das virtudes teológicas – fé, esperança e amor – ao abismo niilista expresso pelo vácuo metafísico da própria ciência biológica. O objeto de certa ciência então hegemônica, a materialidade absoluta com a qual os mecanicistas da época do poeta faziam constituir-se sua ontologia, parecia traduzir o oco existencial: o que sempre foi uma sobra do nada e que se extingue diante de uma escuridão que não é senão também outra sombra de um nada apenas mais evidente.

Ali, naquele trajeto, dois aspectos da finitude estão em posição oximórica: o niilismo mecanicista e o lirismo vitalista. O mecanicismo que habita o enunciado e o vitalismo que emerge da enunciação são como o leite e o sangue da *Morte do leiteiro* de Drummond: formam a cor que é a própria aurora e que não deixa de ser o resgate poético da dor, a redenção salvífica da estética e a dimensão performativa de uma lira em tudo rara.

Foi o grande "maldito" Sérgio Sampaio, auto-declarado leitor contumaz de Augusto dos Anjos, que apresentou uma leitura do terceiro soneto em sua canção *Pobre meu pai*,<sup>17</sup> onde propõe, desde o título da canção, a relação trocadilhista entre "pobre meu pai" e o "podre meu pai" de Augusto dos Anjos:

Pobre meu pai  
Quatro punhos espalhados no ar  
Oito olhos vigiando o quintal  
E o meu coração de vidro  
Se quebrou

Doido meu pai  
Sete bocas mastigando o jantar  
Sete loucos entre o bem e o mar  
E o meu coração de vidro  
Não parou de andar

Podre meu pai  
A marca no meu rosto

<sup>16</sup> Dados tomados da edição fac-símile da "edição do autor" de 1912, realizada graças ao trabalho criterioso do editor e bibliófilo Carlos Alves, pela Editora Narval, em 2015.

<sup>17</sup> EU Quero É Botar Meu Bloco na Rua. Intérprete: Sérgio Sampaio. Compositor: Sérgio Sampaio. Philips, 1973. 1 LP, faixa 4 do lado A.

É do seu beijo fatal  
 O que eu levo no bolso  
 Você não sabe mais  
 E eu posso dormir tranquilo  
 Amanhã, quem sabe?

Hoje, meu pai  
 Não é uma questão de ordem ou de moral  
 Eu sei que posso até brincar  
 O meu carnaval  
 Mas meu coração é outro

Simples, meu pai  
 Faça um samba enquanto o bicho não vem  
 Saia um pouco, ligue o rádio, meu bem  
 Não ligue, que a morte é certa  
 Não chore, que a morte é certa  
 Não brigue, que a morte é certa

Sérgio Sampaio produz um *carpe diem* a partir do poema aparentemente aporético de Augusto dos Anjos. Ao modo do *Viuamus mea Lesbia* catuliano, Sérgio Sampaio, mergulha na intertextualidade, para dar o próximo passo, o da poesia ética, repleta de imperativos em seu desfecho. A partir da intertextualidade, Sérgio Sampaio propõe esse toque levemente hedonista que sabe ao *Decamerão*.

Os três últimos versos da canção de Sérgio Sampaio gotejam qual a clepsidra, evocada por Augusto dos Anjos, como uma metáfora da passagem do tempo: e, assim como aquela clepsidra, ali estão para testemunhar a fatalidade da finitude, a entrega do real corpóreo aos "microorganismos fúnebres" de um, que não são senão os "o bicho" do outro.

A clepsidra de Augusto dos Anjos não cede à subjetividade. Seu tempo é linear e "invariável". Mas essa não é a única dimensão temporal da qual trata do terceiro soneto: da linearidade, representada pela clepsidra, advém a finitude da forma (o εἶδος aristotélico), e da ciclicidade, ali posta como "atômica desordem", a permanência da matéria (a ὕλη).

Essa distribuição temporal, de resto, encontra respaldo no epicurismo de Lucrecio, cujo texto, como foi dito, gozava de grande notoriedade à época de nosso poeta, graças à já referida tradução bem livre e "poética" de José de Lima Leitão. De resto, nos versos 208-224 do primeiro livro (publicado em 1851 em português) lê-se esse trecho do qual se faz grifos relativos ao tema em pauta:

Vemos mais férteis os lavrados campos  
 Do que os deixados à espontânea incúria,  
 E que a mão do cultor frutos melhora:  
 Logo há porções na terra elementares,  
 Cujas energias nós, co'a relha erguendo  
 Os fecundos torrões aprofundados,  
 Liberta pomos em favor dos frutos,  
 Que à perfeição por si tender deviam  
 Sem de nós precisar, se assim não fosse.

**Não há corpos nenhuns que se aniquilem:**

**A seu turno os dissolve a natureza,**

**E os reduz às moléculas primárias**<sup>18</sup>.

Se estas períveis fossem, de repente  
 Consumir-se-ia o corpo, que organizam:  
 Por si destruídos a coesão e o nexos,  
 Inútil lhe ficava o lento atrito.

**Vê pois que são os átomos eternos**<sup>19</sup>;

**E só consiste a destruição dos corpos**

**Em que um impulso lhes desuna as partes**

**Já dissolvendo-os penetrando os poros,**

Já porque a superfície lhes contunde.

(*De rerum natura*, 1, 208-24).

A dupla concepção do tempo, tão evidente na Antiguidade Ocidental,<sup>20</sup> aqui encontra sua expressão igualmente cristalina na aurora do século XX. Ali, onde poucos beberam, no texto poeticamente imbricado e filosoficamente complexo de Lucrecio, ali, naquele improvável epicurismo renascido em berço romano, foi buscar uma importante referência, guiado pelo inquestionável engenho e pela duvidosa arte de José de Lima Leitão.

<sup>18</sup> *Cuntae pars*, literalmente: "partes inteiras", i.e., "partes indivizíveis". Observe-se a tendência do tradutor, tão próxima à poética de Augusto dos Anjos.

<sup>19</sup> *Semen aeternum*, literalmente: "semente eterna". Uma referência à ciclicidade natural do tempo que não escapou de todo ao tradutor.

<sup>20</sup> Tema exaustivamente abordado por Helena Molloy (2001) em *O círculo e a linha: o conceito de tempo em Eurípides*, tese de Doutorado em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

#### 4 Niilismo mecanicista versus poética vitalista

A *vanitas vanitatum* do tempo linear, contudo, não parece poder ser preenchida pela ciclicidade da natureza. Gira o mecanicista, fenece o vitalista. A água que passa pela clepsidra empedocleana, para comprovar aversão da natureza ao nada, não é e é a mesma que se lhe põe. E, em uma dinâmica heraclítica, o rio não volta, e, não sendo o mesmo, acrescentaria Augusto dos Anjos, que importa que também seja o mesmo?

Esse abismo niilista encontra nos vermes uma metáfora modelada em forma de *tópos* ou *locus communis*. Essa mesma figura pode ser encontrada no *Dom Casmurro* de Machado de Assis,<sup>21</sup> onde se encontram os vermes a roer livros, indiferentes ao seu conteúdo: “– Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos” (MACHADO DE ASSIS, 1992, p. 50).<sup>22</sup> Também os livros, não só as pessoas, são reduzidos à matéria, para que se complete a ciclicidade temporal que a ciência, então, ia comprovando. A matéria, no entanto, malgrado exaltá-la o discurso científico, plenifica a presença. A presença não prescinde de algo que não ousava, então, definir senão com a palavra vida. Do que decorre poder-se dizer que Augusto dos Anjos, conquanto fizesse largo e apaixonado uso da linguagem científica, era um convicto vitalista.

É no último soneto que se lê um verso que alcançará uma celebridade parêmica: “Amo meu Pai na atômica desordem”. Poucos ditos lograram expressar tão bem a inefabilidade do fim: aqui está o amor tentando preencher o sentido da matéria esvaziada de vida, tentando, enfim, cumprir o que a ciência, antiteticamente à sua razão de ser, não foi capaz.

A presença da linguagem científica (por exemplo, no termo *microorganismo*) não é tão somente

uma marca de estilo, uma *sphragis*<sup>23</sup> autoral.

A professora Maria Ester Maciel de Oliveira, da Universidade Federal de Minas Gerais, na aurora da década de noventa, apresentou sua dissertação de mestrado intitulada *O cemitério de papel*, que tanto pode ser útil para um aprofundamento da leitura do *Eu* de Augusto dos Anjos, quanto como para a pesquisa acerca das ideias que povoaram os estudos literários na década de oitenta do século passado. Ali, nessa dissertação, a autora observa o uso da sensualidade invertida ou pervertida do labor vermicular:

O “putular” festivo dos vermes sobre a carne podre do pai, as mãos comparadas a “queijos roídos”, o deslocamento do fúnebre para o orgiaco surpreendem-a expectativa do leitor: onde se esperava um poema-lágrima, emerge um poema-náusea envolto em completo antilirismo. A morte, aí, é, desvelada, reduzida ao fato real, bruto, vista sob a ótica da putrefação, e o Pai, reduzido a um objeto repugnante, é, ao mesmo tempo, descrito como motivo de gozo e delícia para os vermes que dele se refestelam (OLIVEIRA, 1990, p. 44).

A autora, mais adiante, mostra como o poeta insinua um gozo perverso manifestado no espetáculo sinistro e de sensualidade mórbida dos vermes sobre os corpos putrefatos e, consoante perspectivas teóricas hegemônicas àquela época, vê ali indícios da carnavalização bakhtiniana (1990, p. 44).

Se, contudo, for possível mergulhar um pouco mais profundamente no símile proposto pelos sonetos e tomar-se Deus como a projeção poético-imagética do próprio pai, é possível pensar-se que o terceiro soneto evoque a Ressurreição, projetada em seu inverso, o destino do pai não é o Céu ou a Eternidade, mas a decomposição da matéria, a mais extrema nulidade do espírito que é o seu encontro fatal com a matéria e não há ser mais adequado para expressar essa redução ao pó, essa redução da biologia à química do que o verme, o deus-verme, como expressa o soneto abaixo, desde seu título:

<sup>21</sup> Conquanto seja essa a referência aos vermes destacada para ilustrar o argumento, há que se mencionar a dedicatória de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas.”

<sup>22</sup> Publicado originalmente em 1899.

<sup>23</sup> Termo cunhado por Theognis de Mégara no século VI a.C. para, aparentemente, falar de seu próprio estilo poético enquanto “assinatura” de seus poemas. Talvez, por essa razão, esse poeta tenha sido tão alvo da *imitatio* que hoje não se pode mais dizer qual texto é seu qual de seus epígonos.

O Deus Verme

Fator universal do transformismo.

Filho da teleológica matéria,

Na superabundância ou na miséria,

Verme - é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo

Em sua diária ocupação funérea,

E vive em contubérnio com a bactéria,

Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,

Janta hidróticos, rói vísceras magras

E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,

E no inventário da matéria rica

Cabe aos seus filhos a maior porção!

Neste poema Augusto dos Anjos faz um evidente encômio ao verme. É este o soneto onde Augusto dos Anjos produz seu panegírico mais agudo aos vermes; é aqui que se lê seu poema mais binário ou dicotômico: onde faz reverberar aos ouvidos e reluzir aos olhos de seus receptores a convivência dos terrenos antípodas da ciência e da poesia.<sup>24</sup> Mesmo em um verso como "E vive em contubérnio com a bactéria", o termo "contubérnio" faz boa transição entre esses dois territórios: com significado contumaz na poesia, tem um significado que, em tudo, lhe soa estranho.

O poema clama pelo oposto do que reclama: uma perspectiva de perenidade, um horizonte de permanência que o "transformismo" da matéria não lhe pode propiciar. Nesse sentido, a própria poesia vem ao seu auxílio e ela própria tenta preencher esse vazio: a poesia é o paroxismo vitalista.

Um deus "livre das roupas do antropomorfismo", distante, pois, do Deus cristão, e mais do que distante, em tudo antitético. Esse deus que "jamais emprega o acérrimo exorcismo", pois

recusa o místico e rejeita o teológico, é também um deus amoral. Suas leis são as da Natureza implacável, e suas Escrituras, a ciência.

Aqui, volta-se à tese de que o tão proclamado apreço pela ciência que uma fortuna crítica já canônica nota em Augusto dos Anjos, talvez não seja mais do que uma relutância em aceitar esses princípios tão consolidados à sua época, que foram capazes de embasar a fundação da própria República.

A incômoda indiferença do verme que rói o corpo – qual o de Machado de Assis, que rói o livro – é uma evocação do paradoxo da ciência (mecanicista<sup>25</sup>), produto da mais refinada elaboração humana que reduz esse mesmo homem à mesma sublimidade de seus próprios dejetos. O verme, esse agente mais notório do macabro transformismo, ele próprio é algo que se equivaleria a nós, não nos sendo superior por devorar a matéria que nos compõe.

Em seus quartetos, o poema lembra que o verme faz parte do fim de todos os viventes, visto que, estamos todos fadados ao processo de decomposição após a morte. No primeiro terceto, temos versos com expressões funestas, em que figuram verbos de um campo semântico relacionado à alimentação (almoçar, jantar, roer): à rotina asquerosa do verme o poema une os verbos que do paladar. Um oxímoro que conduz o leitor, pela sua sensação de horror, à reflexão sobre o rico niilista personificado por essas criaturas repugnantes.

Uma leitura linear, contudo, que tome o soneto pelo viés da enunciação, pode produzir uma conclusão como essa de Márcia Sabino (em sua dissertação de mestrado de 2006), que percebe um Augusto dos Anjos como um inconformado com a materialidade à qual tudo se reduz, entregando-nos aos vermes e ao húmus, em vez do Paraíso Celeste:

[...] o reino dos céus é inexistente e não pode ser herdado pelos fiéis; o que existe é o apodrecimento, cujos herdeiros são os verdadeiros filhos de Deus, os vermes. O Deus-Verme, de quem não somos filhos, não é uma criação hu-

<sup>24</sup> Esse dispositivo é também usado em outros contextos, mas com o mesmo efeito. A título de exemplo tem-se o soneto "A Ideia", em que se vê o conceito de "ideia" descrito em termos científicos: científicos, mas em um dos mais belos sonetos escritos em nossa língua, um soneto que, de resto, ganhou a notoriedade de que faz jus.

<sup>25</sup> Elizabeth A. Williams, uma das mais renomadas historiadoras das ideias médicas, logo no início de sua obra de 2003 sobre o "vitalismo" já se põe a demonstrar a supremacia do "mecanicismo" desde o final do século XIX. A perspectiva científicista confinou o "vitalismo" no campo da religião, expurgando-o da ciência. Apenas com Georges Canguilhem parece haver uma resposta para esse ímpeto de cunho positivista.

mana, mas existe, independente de querermos isso ou não, mesmo que não aceitemos esse fato (SABINO, 2006, p. 15).

Conquanto a visão de Márcia Sabino tenha privilegiado a superfície do texto (tão rica, sedutora e complexa quanto a própria profundidade), seu arguto exame do léxico e das construções reforçam a engenhosa discursividade com que Augusto dos Anjos faz colidir com o sublime<sup>26</sup> com um novo gênero, que não é baixo, como o grotesco, mas que também o refuta, pela sua natureza. É nesse imbricado exercício da palavra que o jovem poeta paraibano faz com que essa discursividade, marcada pelos emblemas simbólicos de jargões bem caracterizados, seja assimilada pela sublimidade que ele e os simbolistas perseguiram por novas vias.

Vejamos agora o poema dedicado ao filho nascido morto com seis meses de gestação:

*Ao meu primeiro filho nascido morto com 7 meses incompletos. 2 fevereiro 1911.*

Agregado infeliz de sangue e cal,  
Fruto rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante  
De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal  
Destruiu, com a sinergia de um gigante,  
Em tua *morfogênese* de infante  
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,  
Em que lugar irás passar a infância,  
Tragicamente anônimo, a feder?!

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,  
Panteisticamente dissolvido  
Na *noumenalidade* do NÃO SER!

Como no soneto III dedicado ao pai, tem-se, nesse lúgubre poema dedicado ao filho, mais um ímpeto de morte com exatidão descritiva através

do léxico científico, em que o poeta discorre sobre a temática do não ser, uma dissolução panteísta no todo, que perde, assim sua onticidade, e mais: essa não onticidade está respaldada pela inteligência pura, a numenalidade, algo que, na filosofia de Kant opunha-se à fenomenalidade e se equivalia, em muitos aspectos à *epistème* de Platão, à qual só se ascende pelo viés dos *noetá*<sup>27</sup> ("Ah! Possas tu dormir, feto esquecido, /Panteisticamente dissolvido/ Na noumenalidade do NÃO SER!"). Não se pode deixar de perceber aqui que esse termo "noumenalidade", tão conhecido da filosofia quanto desconhecido da poesia, faz ressoar o termo "nume" (em latim, *numen*), deixando um certo eco de que essa não onticidade é divina, e fazendo, assim, ecoar o verso anterior, que fala de um "panteísmo" da dissolução.

Renan Ferreira, em sua dissertação de mestrado de 2011, acerca desse soneto pondera que "o não ser não é o nada absoluto, nem o quase, mas o todo" (FERREIRA, 2011, p. 40), tendo em vista que o poeta imagina o filho dissolvido no universo, onde o tudo da matéria encontra o nada do espírito. A leitura da dissertação de Renan Ferreira sobre a obra de Augusto dos Anjos deixa claro que sua hermenêutica daquela poesia entrevia tanta esperança que sua dissertação sobre a poesia do vate paraibano soa como um exercício de boa retórica.

Em 1984, Lúcia Helena leva ao prelo sua dissertação de mestrado aprovada em 1975 na Faculdade de Letras da UFRJ, em que a hoje renomada estudiosa tornou pública a leitura que seria, três anos depois, parcialmente ratificada por Renan Ferreira, em 2011. Ali, naquele estudo que tem a enorme importância e o grande mérito de lançar luzes e foco acadêmicos à obra de Augustos dos Anjos, Lúcia Helena mergulha em uma interpretação tingida pela angústia e temperada pelo pessimismo, possivelmente guiada pelas impressões do próprio amigo de Augusto dos Anjos, Raul Machado.<sup>28</sup>

Quando Renan Ferreira sugere que "o eu poético de Augusto pretende transcender a morte na esperança de fazer desta uma nova vida" (FERREIRA,

<sup>26</sup> Toma-se aqui o conceito de sublime a partir da leitura do tratado Sobre o sublime (Περὶ ὕψους) de Pseudo-Longino.

<sup>27</sup> Tanto a "numenalidade" kantiana quanto os noetá platônicos ostentam a raiz grega de noûs (intelecção, mente).

<sup>28</sup> Raul Machado fez publicar, em 1939, um estudo sobre a poesia de seu amigo, sublinhando-lhe os traços de inconformismo existencial que se casavam com o perfil que lhe traçara outro amigo, o célebre Agripino Greco.

2011, p. 58), produz uma fórmula exegética que bem se aplica à ideia de continuidade a que se refere a segunda estrofe do soneto, uma continuidade sintetizada talvez melhor no termo "morfogênese", tão casado com o "transformismo" do "Deus verme".

Em suas dissertações de mestrado, Lúcia Helena fica com o "transformismo"; Renan Ferreira, trinta e seis anos depois, com a "morfogênese". O que se propõe aqui, contudo, é o vitalismo como chave de leitura dos poemas Augusto dos Anjos, e os poemas como chave de leitura do vitalismo do poeta.

Foi essa poesia da qual Augusto dos Anjos é quase uma antonomásia que recebeu a alcunha de poesia científica.

Em uma atmosfera em que se respirava os ares do cientificismo hegemônico e quase onipresente, Martins Junior, em 1883, proclama que a poesia científica é compreensiva, sensata e forte; elástica, imperecível e sonora, e que essa deve abranger todo e qualquer assunto:

Desde a lei astronômica da atração até o evolucionismo biológico e social, desde as generalizações da filosofia até os fatos particulares do amor, da dedicação, da coragem, do civismo, da paz, da família, da felicidade, da miséria, do crime, do patriotismo; desde a luta pela vida nos vegetais e nos animais até o conforto doce de um ménage alegre e honesto; vai, ou antes, deve ir a poesia de hoje (MARTINS JUNIOR, 1883, p. 32).

Esse verdadeiro manifesto da "poesia científica" postula uma nova estética, que, contudo, em Augusto dos Anjos, ultrapassou muito a proposta de Martins Júnior, que deessarte, passa a parecer até um tanto *naïf*. Em Augusto dos Anjos, a emoção humana em diversos âmbitos, encontra nesse inusitado ambiente poético-científico, um *locus* privilegiado para o anúncio de suas pulsões, de seus questionamentos e de suas inquietações. Mais do que um *locus*, a poesia científica, para usar esse termo tão caro a Martins Júnior, foi o modo de Augusto dos Anjos lidar com o niilismo ao qual parecia conduzir o mecanicismo cientificista. Comte inventou sua religião (que lhe rendeu várias dissidências), e Augusto dos Anjos se refugiou no poema, "o último asilo", de Castro Alves.<sup>29</sup>

## Considerações finais

A fortuna crítica acerca da parca e intensa produção de Augusto dos Anjos frequentou veredas sinuosas entre o pessimismo e a redenção pela ciência, entre o niilismo e uma cosmovisão quase panteísta. Talvez por uma certa herança estruturalista, senão por estruturalismo propriamente, a efervescência das discussões de ideias, coetâneas ao autor, foram, por vezes, negligenciadas ou secundarizadas.

Este artigo tentou, a partir da amostragem dos sonetos que tematizavam as mortes do pai e do filho do poeta, apresentar uma leitura da poesia de Augusto dos Anjos que considerasse não somente sua inserção no universo de circulação das ideias que, entre outras coisas, viria a contribuir para a constituição de nossa República, mas também de ver neles um posicionamento em contracorrente, no qual o poeta procura refugiar-se das diatribes acaloradas em uma poética que fala o dialeto preponderante da ciência.

Como última proposta deste artigo, ousou-se sugerir que Augusto dos Anjos faz do poema mais do que o abrigo das inflamadas preleções a favor da ciência, conforme endossa e testemunha Martins Júnior, mas talvez sobretudo da opressão metafísica que o pensamento mecanicista impunha às sensibilidades.

Pela leitura que aqui se postula, a poesia de Augusto dos Anjos não é aporética; não tropeça no vácuo, tampouco propõe soluções de questões do particular pelo todo cósmico. A poética de Augusto dos Anjos é performativa – no sentido mais agudo que John L. Austin pudera supor. E tal performatividade exige do poema o máximo em linguagem, e, como em uma autofagia, o poeta faz da ciência seu código, para propor certa decomposição de uma falta pela própria poesia.

## Referências

AGOSTINHO [Santo]. Bispo de Hipona, 354-430. **O livre-arbitrio**. 2. ed. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira. Revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. Disponível em: [https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo\\_agostinho-olivre-arbitrio.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho-olivre-arbitrio.pdf). Acesso em: 15 set. 2018.

<sup>29</sup> O último verso de "O fantasma e a canção".

DOMINGOS DE ALMEIDA, V. O Otimismo na poesia de Augusto dos Anjos. **Miguilim** - Revista Eletrônica do Netlli, 2, out. 2013. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/556>. Acesso em: 15 Mar. 2021.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: origenes de uma poética. **Actual Investigación**, [S.l.], n. 44, p. 37-54, set. 2011. ISSN 1315-8589. Disponível em: <http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/actualinvestigacion/article/view/2749>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CARPEUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 1 set. 2018.

DUARTE NETO, Henrique. A Inovação Linguística na Poesia de Augusto dos Anjos. *Estação Literária*. Londrina, Volume 7, p. 115-124. 2011.

FERREIRA GULLAR [FERREIRA, José Ribamar]. **Toda a poesia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FERREIRA, Renan Mendonça **Conteúdos temáticos e ideológicos em Augusto dos Anjos**. 2011. Dissertação (Pós-graduação em Estudos Literários) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_4543.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4543.pdf). Acesso em: 20 set 2018.

FIORUSSI, Lavinia Silves. **No man is an island**: John Donne e a poética da agudeza na Inglaterra no século XVII. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2008.

FONSECA, Deize Mara Ferreira. Sentir com a imaginação: Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos e um gótico moderno. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 44, n. 2, 21 out. 2009.

HELENA, Lucia. **A Cosmo-agonia de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. (Coleção Tempo Universitário). Edição do texto da Dissertação de Mestrado em Letras (UFRJ) aprovada em 1975.

IGNEZ, Alessandra Ferreira; MICHELETTI, Guaraciaba. Augusto dos Anjos: um 'Eu' em conflito. **Matraga** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S. l.], v. 21, n. 35, dez. 2014. ISSN 2446-6905. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/17483>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LUCRÉCIO [Tito Lucretius Carus]. **A natureza das coisas**. Trad. Antônio José de Lima Leitão. Lisboa: Jorge Ferreira de Mattos, 1851.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1992.

MAGALHÃES JR, Raimundo. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

MARTINS, Nilse Sant'Anna. **Introdução à Estilística**: A expressividade na língua portuguesa. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MARTINS JUNIOR, Izidoro. **A Poesia Científica** (Escoço de um livro futuro). 2. ed. Recife: Imprensa Industrial, 1914.

MONTENEGRO, Delmo. Martins Júnior, Augusto dos Anjos, Joaquim Cardozo: Presença da Poesia Científica na Literatura em Pernambuco. **Capitu**, 2004. Disponível em: <http://capitu.uol.com.br>. Acesso em: 21 ago. 2006.

NEVES, Manuel. **Escombros da primeira república**: uma análise de *Eu e Outras poesias*, de Augusto dos Anjos. 2012. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/ma.no.el.ne.ves/anlise-de-eu-e-outras-poesias-de-augusto-dos-anjos>. Acesso em: 18 set. 2018.

OLIVEIRA, Maria Ester Maciel de. **O cemitério de papel**: sobre a atopia do Eu de Augusto dos Anjos. 1990. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) –

Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1990.

PORTO, Paulo Alves. Augusto dos Anjos: Ciência e Poesia. **Química na Escola**, São Paulo, n. 11, 2000. Disponível em: <http://qnesc.sbg.org.br/online/qnesc11/v11a07.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. O lugar de Augusto dos Anjos na poesia brasileira. **Nau Literária**: revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2007.

SABINO, M. P. **Augusto dos Anjos e a Poesia Científica**. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/3269/1/marciapeterssabino.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

SILVA, Anaídes Maria da. **O Eu de Augusto dos Anjos (1912)**: algumas relações entre literatura e ciência. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13461>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, 1915. Disponível em: <http://www.dominio-publico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>. Acesso em: 19 nov 2018.

WILLIAMS, Elizabeth. A. **A Cultural History of Medical Vitalism in Enlightenment Montpellier**. Londres: Farnham, 2003.

---

## Henrique F. Cairus

Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, atuando na Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

---

## Sabrina Alves

Especialista em Produção Textual pela Faculdade Venda Noca do Imigrante (FAVENI). Licenciada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

---

**Endereço para correspondência**

Henrique F. Cairus

Rua Voluntários da Pátria, 270/311

Botafogo, 22270-014

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Sabrina Alves dos Santos

Praia da Guanabara, 1045

Ilha do Governador, 21911-090

Rio de Janeiro, RJ, Brasil